

## **Contexto das Gemas na Economia Mineral do Estado do Pará**

*Mário Ivan Cardoso de Lima – IBGE/Gerência de Recursos Naturais/UE/PA*

**Resumo:** A economia mineral de gemas no Estado do Pará ainda está em uma fase embrionária, pois o número de ocorrências é ainda muito pequeno, aliado a extração rudimentar, sob a forma de garimpagem, a qual combinada com a falta de fiscalização só faz degradá-la ainda mais, com reflexos na economia mineral do Estado, o qual é pautado nos metálicos Ferro, Cobre e Bauxita e o não metálico Caulim. Objetiva o presente artigo mostrar a necessidade de mudar esse quadro, o qual é incompatível com as potencialidades do subsolo paraense. Com a consecução pelo presente autor da segunda edição do Mapa Gemológico do Pará, escala 1: 1.800 000, e seu texto explicativo (inédito) foram selecionados os ambientes tectônicos mais favoráveis a ocorrência de gemas de valor econômico, com resultados bem satisfatórios. As principais ocorrências de gemas são: ametista, amazonita, cristal de rocha, citrino, calcedônia, diamante, fluorita, especularita, mórion, malaquita, opala; quartzo róseo, turmalina e topázio. Apesar dessa diversidade apresenta grande produtividade em quartzo, no entanto voltado para aparelhos eletrônicos. A questão do quartzo é bem interessante, pois sua produção é elevada, mas não sendo utilizado como gema. Por sua vez, a ametista constitui uma das principais gemas produzidas no Brasil, especial destaque para a “Ametista de Pau D’Arco”. Observa-se que o Estado do Pará nada arrecada em termos de impostos sobre as gemas aqui produzidas, e que as mesmas saem em forma bruta, apesar dos esforços de implantação de polos joalheiros. A distribuição espacial dos títulos referentes à Ametista (239), Diamante (121), Quartzo (49), Zircônia (16), Berilo (14), Cristal de Rocha (9) e Crisoprásio (1), perfazendo um total de 449 títulos minerários, cuja grande maioria constitui autorização de pesquisa e muito raramente extração de lavra, como acontece com o Quartzo. Urge a necessidade de criação de um banco de dados específico para as gemas com o objetivo de estabelecer um melhor planejamento e controle para fins de arrecadação e fiscalização, considerando que a atividade garimpeira é nefasta para o meio ambiente e para a jazida. Outra saída seria incentivar pesquisas em regiões potenciais. Trabalhos complementares são necessários para elucidar a estreita relação entre os corpos kimberlíticos e os diamantes nas bacias dos rios Curuá e Tapajós, no âmbito da bacia paleozoica do Amazonas. Por sua vez, a Chapada do Cachimbo merece a elaboração de projetos com vistas a uma melhor definição de ocorrências diamantíferas, haja vista a sua ambiência geológica comparável à Chapada Diamantina (BA). A bacia do Médio rio Tocantins merece estudos minudentes no sentido de localizar a presença de corpos kimberlíticos, haja vista que desde a década de 30 do século passado, tal região é produtora de diamantes. O leito do lago da UHE de Tucuruí ainda abriga muitos quilates de diamante. De igual modo, a bacia do Tapajós-Xingu merece estudos mais acurados uma vez que as gemas como topázio, turmalina, cristal de rocha, ametista, fluorita são considerados subprodutos na pesquisa de ouro e cassiterita.

**PALAVRAS CHAVES:** GEMAS, ECONOMIA MINERAL, ESTADO DO PARÁ.